

Saiba como organizar 100% sua sacristia

A sacristia é um dos lugares, dentro da Igreja, que mais precisa de atenção e de cuidados devido o valor sagrado pelo qual está envolvido. Nela são guardados os paramentos litúrgicos, as alfaias, o lecionário e tudo o que será utilizado nas santas celebrações. Esse já é um bom motivo para que seja um ambiente limpo e organizado, mas a realidade nem sempre é essa. Por isso trataremos aqui de alguns pontos que podem ajudar em aspectos práticos a organização da sacristia de maneira a evidenciar sua importância.

Uma liturgia bem celebrada começa na preparação

A liturgia deve ser pensada e celebrada com toda a dignidade que lhe cabe, zelo esse que tem início dentro da sacristia.

A sacristia não é um depósito. O espaço deve ser pensado e planejado de maneira a comportar tudo o que necessita. Ter vários armários à disposição facilita a separação, a classificação e disposição dos objetos litúrgicos conforme a necessidade de uso. Aqui, recomendamos a separação dos materiais de acordo com os tempos litúrgicos, e, se possível, um armário só para os ministros. Uma dica que pode ser útil é usar caixas organizadoras e etiquetas. Normalmente estes recipientes contém tampas, isso protege as alfaias de insetos, roedores ou de condições climáticas desfavoráveis como a umidade.

Outro ponto importante a ser observado é a segurança do local, para evitar roubos ou a profanação dos objetos.

Vale ressaltar que objetos sagrados e paramentos bem

acomodados facilitam, inclusive, na organização da santa Missa e na vestimenta dos sacerdotes, ministros, coroinhas e de toda a equipe litúrgica.

Não faça da sacristia um espaço de reuniões

A palavra *sacristia* significa *espaço sagrado*. Justamente por isso não deve ser utilizado como sala de reunião e muito menos para conversas paralelas. Antes da celebração é importante que todos os envolvidos na liturgia saibam que se deve buscar manter o tom de reverência e sobriedade em sinal de respeito pelo local e pelo momento litúrgico que se seguirá. A Igreja ainda orienta, por meio do missal, que guardar o silêncio é necessário “para que todos se disponham devota e devidamente para realizarem os sagrados mistérios” (Instrução Geral Sobre o Missal Romano, 45).

Para alcançar o objetivo esperado, você pode apelar para o recurso visual: faça pequenas placas com avisos, recomendando a postura adequada para aquele ambiente.

Leia também: O incenso católico é igual aos incensos comuns?

A sacristia é também espaço de evangelização

A sacristia é a extensão do santuário – Casa de Deus. É na sacristia que muitos fiéis procuram pelo sacerdote, antes ou após a santa Missa, para pedir a bênção de objetos, a bênção para si ou para suas famílias. Também ali o fiel deve sentir-se envolvido pelo sagrado, atestando que, de fato, está em um local de oração.

O cuidado com a limpeza

Assim como a igreja, e os seus demais espaços, é importante cuidar para que a sacristia esteja sempre limpa. Cuidar da ventilação desse ambiente é também necessário, tendo em vista a saúde de todos que nele circulam. Enfeitar o espaço com

flores naturais demonstra um cuidado com local, além disso as flores ajudam a manter um aroma agradável no ambiente.

Defina uma pessoa para cuidar da sacristia

Toda paróquia ou comunidade deve ter uma pessoa responsável pela sacristia – o sacristão. É ele quem deve cuidar da organização dos paramentos litúrgicos nos armários, cuidar do estoque de hóstias, vinho, vela, incenso, e tudo o mais que for necessário em vista das celebrações.

É também o sacristão quem prepara os livros litúrgicos para a Celebração Eucarística, separa as alfaias e as vestes sagradas de acordo com o calendário litúrgico. Ou seja, o sacristão é aquela pessoa imprescindível para manter a organização do espaço e garantir o respeito que a este local é devido. Se em sua comunidade é possível contar com alguém neste perfil, não hesite em motivar e convidar para este belíssimo serviço.

Como a beleza e a sobriedade na Liturgia podem evangelizar

Celebramos na Liturgia o Mistério Pascal de Cristo – Sua Paixão, Ressurreição e a gloriosa Ascensão ao Céu. Enquanto Jesus derramava seu sangue por amor, a Igreja nascia. E foi aos apóstolos que Cristo confiou a missão de continuar a obra por Ele iniciada. Tudo o que Jesus realizou na terra permanece acontecendo em todo tempo por meio da Liturgia – na Missa, nos sacramentos, na celebração da Palavra, na oração da Liturgia das Horas e em tantos outros momentos da vida eclesial.

“Tudo o que na vida do nosso redentor era visível, passou para

os ritos sacramentais”, explicou no século V, o Papa Leão Magno (Sermões para a Ascensão, n. 3; AL 4340). E, por ser a Liturgia o prolongamento das ações de Cristo, é que ela contém em si um valor único e sagrado, de singular beleza.

Ainda sobre a dimensão do que é belo, João Paulo II, na Carta aos Artistas, diz que “a beleza é a expressão visível do bem”. Ou seja, na Liturgia, a ação de Deus na vida das pessoas está profundamente conectada à beleza e à bondade dele. Deste modo, ainda que não seja a principal função da Liturgia, as pessoas são evangelizadas e tocadas pelo amor do Senhor quando contemplam a beleza e a sobriedade das ações litúrgicas.

O que a Liturgia provoca nos fiéis

Celebrar a Liturgia não é apenas repetir gestos ou as palavras de Cristo, com o único propósito de recordá-los, mas é tornar presente – graças a ação do Espírito Santo – a realidade do profundo Mistério Pascal, a fim de que estejamos em comunhão de vida com esse mistério e que por ele nos deixemos tocar e transformar.

Uma Liturgia bem vivida e celebrada facilita a comunhão das pessoas com Deus. Os Ritos Litúrgicos celebrados no esplendor de sua beleza e naturalidade estimulam os fiéis “...à veneração das coisas sagradas, elevam a mente à realidade sobrenatural, nutrem a piedade, fomentam a caridade, aumentam a fé, robustecem a devoção, instruem os simples, ornem o culto de Deus, conservam a religião e distinguem os verdadeiros dos falsos cristãos” (Carta Encíclica *Mediator Dei*, 20).

A beleza da Liturgia

A Liturgia é naturalmente bela: bela no aspecto estético dos objetos e vestes sagradas, no zelo e esmero no que tange a preparação das celebrações e tempos litúrgicos, e bela na santidade que inspira por meio dos gestos do sacerdote – que é um ministro *in Person Christi* (no lugar de Cristo).

A preocupação e o cuidado pela beleza e singularidade da Liturgia, em todos os ritos, é ainda sinal de respeito a Deus. Por isso, a Igreja cuida para que a liturgia cumpra com sua função de, por meio dela, realizar belas ações simbólicas através das quais não somente Deus se manifesta e se relaciona, mas também as pessoas podem ir ao seu encontro.



Referências

Sermões para a Ascensão, Papa Leão Magno

Carta aos Artistas, São João Paulo II

Carta Encíclica Mediator Dei, Papa Pio XII (1974).

0 incenso católico é igual aos incensos comuns?

O INCENSO CATÓLICO É IGUAL OS INCENSOS COMUNS?



O uso do incenso católico nas Celebrações chama atenção para a sacralidade daquele momento, ainda que os fiéis não compreendam a totalidade do seu significado. Queimar incenso – ou a incensação – exprime reverência e oração, a exemplo do que expressa a Sagrada Escritura:

*“Que minha oração suba até vós como a fumaça do incenso”
(Salmo 140, 2).*

Contudo, os fiéis precisam saber que o incenso católico, utilizado na Liturgia da Igreja, não é o mesmo utilizado em defumadores nos cultos africanos e nem mesmo semelhantes às varetas usadas nas religiões asiáticas e orientais.

**Mas, afinal, qual o significado do incenso para os católicos?
Por que ele é utilizado por outros povos?**

O incenso no Cristianismo

O uso do incenso pelos cristãos é uma tradição com profundas raízes espirituais. Há milhares de anos o incensar é um gesto que expressa adoração a Deus. No Tabernáculo, assim como no templo, Deus ordenou que um **“altar de incenso”** fosse

construído. Deus mandou também que Aarão, o sumo sacerdote, queimasse “um incenso perpétuo perante o Senhor ao longo de suas gerações” (Êxodo 30, 8).

Foi a partir do século IV, que Igreja adotou o incenso em seus ritos para expressar honra ao altar, às relíquias, aos objetos sagrados, aos sacerdotes e aos fiéis. Mas foi somente no século IX que ele passou a ser utilizado também no início da Missa, e apenas no século XI o altar se transformou no centro da incensação. Logo o incenso passou a ser utilizado também sobre as oferendas do pão e do vinho – corpo e sangue de Cristo – recordando a Epifania do Senhor: “Ao entrar na casa viram o menino com Maria, sua mãe, e, prostrando-se, o homenagearam. Em seguida, abriram seus cofres e ofereceram-lhe presentes: ouro, incenso e mirra” (Mateus 2,11).

Na Liturgia da Missa, durante o ato penitencial a incensação é feita para expiar os pecados, para nos limpar, nos purificar. Já o gesto de incensar o evangeliário demonstra veneração à Bíblia Sagrada. E no momento em que os fiéis são incensados, recorda-se que o Espírito Santo habita em todos. Nesse espírito, é recomendado que o fiel incline a cabeça e trace o sinal da cruz enquanto medita em seu coração com uma prece. Uma sugestão de oração para este momento seria:

“Eleve-se, Senhor, minha oração como este incenso à vossa presença, e desça sobre nós a vossa Misericórdia”.

Os cristãos também utilizam o incenso na Liturgia fúnebre demonstrando que o falecido permanece como membro da Igreja, santificado pelos sacramentos. Portanto, seu corpo morto é honrado com o incenso recordando como as santas mulheres, na manhã de Páscoa, queriam honrar o corpo de Jesus, unguindo-o com óleos preciosos.

O uso do incenso por outros povos

Os povos romanos e gregos em seus templos tinham um altar para o incenso, que era utilizado em sinal de homenagem e adoração aos ídolos. No culto ao imperador, a incensação possuía valor de reconhecimento da religião e do estado do imperador enquanto deus.

Entre os etruscos, o sumo sacerdote queimava o incenso em braseiros decorados e, com um toque de trombeta, anunciava o fim de um período e o início de um novo tempo. Já na Grécia era costume fazer a incensação da vítima do sacrifício para torná-la mais aceitável diante da divindade. Também pelos gregos o incenso era oferecido aos deuses e eram queimados nas casas dos doentes, pois acreditam que ele tinha um fim terapêutico.

Os israelitas misturavam o incenso a outras substâncias perfumadas e com ele o sumo sacerdote entrava no espaço mais sagrado e reservado do templo. E entre os egípcios, o uso do incenso remonta há pelo menos quinze séculos antes de Cristo. Para eles, o incenso era o “perfume dos deuses”. Eles utilizavam este perfume para os rituais do templo, convencidos de que o incenso podia fazer chegar à divindade os desejos dos homens. Também o definiam como o “suor dos deuses que cai sobre a terra”.

Na Índia o incenso é queimado durante as meditações de yoga, a fim de facilitar o encontro com a divindade. Os indianos também utilizam o incenso para perfumar os fornos crematórios, como rito de passagem da vida terrena à ultraterrena. Além disso, eles utilizam o incenso também para o tratamento de enfermidades nervosas e reumáticas.

Na África o incenso é utilizado para acalmar dores de estômago, para melhorar o funcionamento do fígado e a circulação sanguínea.

Na Europa, em alguns povoados da Áustria e da Suíça, o incenso é queimado nas casas no período compreendido entre o Natal e a Epifania para garantir a boa saúde de todos. Costumam também queimar incenso durante festas de casamento e em bodas de prata, de ouro e de diamante.

Na América Central os maias associavam o incenso à lua, símbolo feminino portador de vida.

Pelo incenso católico, a oração sobe ao céu

Diferentemente do uso do incenso por outros povos, para os cristãos, a incensação envolve uma atmosfera sagrada de oração que, como uma nuvem perfumada, sobe até Deus. No catolicismo, antes de ser utilizado, o incenso recebe uma bênção, por isso adquire um valor sacramental – sinal sagrado.

Para ser usado na liturgia, além da bênção, o incenso precisa obedecer critérios de produção e matéria-prima. Portanto, não é qualquer material que pode ser usado no culto divino.

Então, agora que você conheceu mais sobre o assunto, quando estiver na missa, observe atentamente a forma com que este material é tratado na liturgia.

Gostou do texto? Compartilhe com seus amigos.

Referências bibliográficas:

Catecismo da Igreja Católica (CIC 2111)

Revista Paróquias & Casas Religiosas, ano 1, n.05, março/abril 2007.

<http://www.liturgia.pt/documentos/incenso.php>